

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO – UNISA
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ARTETERAPIA**

RUTE ALMEIDA GUIMARÃES

**ARTETERAPIA: MEIO DE EXPRESSÃO E CRIAÇÃO
PARA INTEGRAÇÃO DA CRIANÇA AGRESSIVA**

**São Paulo
2009**

RUTE ALMEIDA GUIMARÃES

**ARTETERAPIA: MEIO DE EXPRESSÃO E CRIAÇÃO
PARA INTEGRAÇÃO DA CRIANÇA AGRESSIVA**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista *Lato Sensu* em Arteterapia da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação da Prof^a. Flávia Lima.

**São Paulo
2009**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tudo faz renovar: Pela vida e pelas possibilidades de criar novas coisas.

À coordenadora, professora Flávia Lima, e a todos os professores, por haverem contribuído de forma significativa para nossa formação.

À querida Irmã Célia, pela valorosa ajuda na pesquisa e revisão deste trabalho.

À prestimosa amiga e Irmã Neide, pelo incentivo e apoio nos momentos de desânimo.

Às minhas colegas de classe, pela troca de experiência.

*“- Para onde vais, Andarilho,
nesse andar assim cambaio?
-Vou ao encontro da Manhã”.*

Thiago de Mello

RESUMO

Esta pesquisa analisa algumas das causas e consequências da agressividade infantil, contribuindo de modo significativo com as crianças/escolas/famílias e Instituições na busca pela melhor solução para as manifestações da agressividade, assim como procura caminhos que levem à superação das dificuldades e frustrações presentes no ambiente familiar doentio e que gera a agressividade – mesmo que inconsciente por parte da família, da sociedade e/ou da própria criança. A Arteterapia utilizada como meio para o bom relacionamento e para a inclusão e reabilitação infantil: na família, na escola e na sociedade. A Arteterapia, meio de expressão e criação, amplia o conhecimento da criança sobre o mundo e favorece seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e social, motivo pelo qual não deve faltar na vida de qualquer criança.

Palavras-chave: Agressividade, superação, arteterapia, criação,

ABSTRACT

This research aims at bringing an analysis of children's aggressiveness causes and consequences. It is an important means of helping child/school/family and institutions in their search for a better way of dealing with problems, as well as in their search for means leading to the overcoming of difficulties and frustrations due to situations created by the society, by the child itself, and/or the morbid family environments which even unconsciously are responsible for aggressive attitudes. Making use of the resources offered by Art Therapy, it helps create good relationships by providing the children's inclusion and rehabilitation within the family, school and society. Art Therapy, a means of expression and creativity, enlarges children's knowledge towards the world, fosters their cognitive, affective, psychomotor and social development. Therefore, it must be present in any child's life.

Key-words: Aggressiveness, overcoming, art therapy, creativity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 AGRESSIVIDADE	10
2.1 Conceito	10
2.2 Interações agressivas	10
2.3 Agressividade no lar	11
2.4 Tendências à delinquência	12
2.5 O que fazer diante dessa Realidade?	13
2.5.1 Métodos de Controle	13
3 A CONJUNTURA ATUAL	15
3.1 As Influências Externas Na Agressividade Infanto-Juvenil	15
3.2 A Agressividade e a Influência da Televisão	16
3.3 Características da Violência na Televisão	17
3.4 O Papel dos Pais na Estimulação e no Desenvolvimento dos Filhos ..	17
4 DESENVOLVIMENTO DO CASO	21
4.1 Trabalho de Campo	21
5 CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Desde épocas remotas, as expressões artísticas correspondem à expressão psíquica da comunidade e particularmente de cada indivíduo. Com isso, a arte passou a ser utilizada como instrumento de expressão cooperadora e transformadora na edificação de seres mais inventivos, criadores, fortes e saudáveis. Ao longo da história, vários estudiosos buscaram envolver a Arte na Terapia, de tal sorte que hoje a Arteterapia é praticada e aplicada em todos os setores do desenvolvimento humano.

Este estudo foi realizado por meio da observação de crianças com comportamento agressivo, tanto na família, como na escola e nas instituições que acolhem menores.

A questão da agressividade infantil tem preocupado educadores e especialistas em educação, comprometidos com uma educação inclusiva e reabilitadora da criança em sua totalidade. Atualmente, muitas escolas e/ou instituições que cuidam de menores enfrentam esse problema e têm mostrado dificuldades em controlar, e facilitar, o relacionamento das crianças agressivas no ambiente em que convivem.

O objetivo desta pesquisa é propiciar uma reflexão sobre a utilização da Arteterapia como contribuição, como alternativa favorável ao processo terapêutico, facilitando assim o amadurecimento e integração da criança.

Para melhor entendimento do fenômeno da agressividade, apresenta-se inicialmente uma análise teórica do tema em seus vários aspectos: a responsabilidade dos pais e das instituições na integração da criança no grupo social inserido; o papel dos pais na estimulação e no desenvolvimento da criança; e as influências externas na agressividade infantil, sempre enfocando a importância da família no desenvolvimento da criança.

Na sequência, são apresentados os aspectos positivos do trabalho desenvolvido em Arteterapia, para que a criança se integre no ambiente em que convive, contribuindo assim para auxiliar educadores e pais na superação das dificuldades de relacionamento com a criança agressiva.

A intenção foi pesquisar um assunto atual e importante para toda a sociedade, para que o mesmo possa servir de subsídio a outras pesquisas voltadas

às formas de expressão da criança agressiva, bem como propor alguns meios para atingir a superação de tais dificuldades de relacionamento enquanto sujeito inserido num grupo social.

Quanto mais e melhor forem conhecidas e divulgadas as experiências em relação aos casos de agressividade, trazendo experiências positivas ao ambiente em que a criança convive, maior serão as possibilidades de serem encontrados caminhos para a solução dos problemas.

O primeiro capítulo conceitua a agressividade e apresenta as interações agressivas e as manifestações da agressividade em suas diversas formas; expõe como as tendências agressivas recalcadas podem se acumular e virem a se revelar mais tarde, trazendo o perigo de o adolescente chegar à delinquência; e elenca alguns recursos que os pais podem oferecer aos seus filhos para bem educá-los para a vida.

O segundo capítulo aborda a atual conjuntura social e como a agressividade na infância e na juventude é influenciada por inúmeros fatores, máxime pela televisão; e trata da responsabilidade dos pais no desenvolvimento dos filhos.

O capítulo três demonstra a parte prática deste trabalho: O Desenvolvimento do Caso e o Trabalho de Campo. Nesse capítulo é apresentado como a Arteterapia pode auxiliar e favorecer o desenvolvimento do paciente, propiciando sua integração ao meio em que vive.

São delimitados alguns fatores importantes, com o intuito de esclarecer os principais agentes de agressividade, numa tentativa de atenuação do problema. A questão que norteia este trabalho é: Como a Arteterapia pode ajudar o infanto-juvenil a integrar-se ao meio em que vive com sensibilidade, sem a necessidade de impor-se pela agressividade?

Esta pesquisa não esgota o assunto, tão pouco apresenta respostas definitivas, mas procura, conscientemente, levantar dados através de observações relacionadas à agressividade e buscar caminhos que levem à integração da criança no ambiente familiar e social.

2 AGRESSIVIDADE

2.1 Conceito

O vocábulo AGRESSIVIDADE, de acordo com Leal (2009), tem sua origem no Latim – *aggredior, aggredi* – que originalmente significa acometer, avançar decididamente, mover-se ativamente para um objeto qualquer, dando ideia de uma disposição para enfrentar obstáculos. Em outras palavras, trata-se de uma manifestação de força e afirmação pessoal.

Com o tempo, o termo “agressividade” passou a ter dois significados bem distintos:

1 – um significado positivo: de força, de afirmação e de exercício de poder pessoal e de capacidade para superar obstáculos;

2 – um significado negativo: de hostilidade, de ofensa às pessoas, de disposição para a violência e para a lesão física ou moral.

Assim, a agressividade pode ser entendida tanto como força, afirmação pessoal e capacidade para superar obstáculos, como pode significar hostilidade, ofensa, disposição para a violência e para a lesão física ou moral.

Segundo definição do Dicionário Aurélio, **agressividade** é “(...) 4. *Psicol.* a disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras”; e **agressivo** “(...) 2. *Psicol.* Diz-se do indivíduo em cuja personalidade prevalecem como componente a disposição para condutas destrutivas, hostis” (FERREIRA, 1986, p. 65).

Para Freud a agressividade é função da frustração: sua força depende sobretudo da que tinha a motivação frustrada; quanto mais forte a inibição da agressão, mais nítida a tendência ao deslocamento; a forma da agressividade é modificada pela cultura do indivíduo (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 118).

2.2 Interações Agressivas

Foi verificado que na origem das interações agressivas, encontra-se um componente genético. Esse componente manifesta-se também na estereotipia dos

atos agressivos marcada pelas sequências comportamentais específicas, cujo desenvolvimento é regido pelos sistemas de estímulos desencadeadores e inibidores de natureza diversa: visual, sonora, olfativa etc.

Pesquisas centradas na **genética** (Morais, 2001) procuraram a causa da agressividade em defeitos nos genes, mas quase não há progresso na área. Há sete anos, por exemplo, um estudo com uma família holandesa, cujos membros do sexo masculino envolviam-se em crimes violentos, mostrou que todos eles apresentaram uma anomalia que codifica a produção de uma enzima, MAOA, responsável pela quebra das moléculas de vários neurotransmissores.

É uma temeridade, entretanto, deduzir-se daí que comportamentos complexos, como a violência, decorrem de um único gene ou mesmo que são resultados apenas de padrões cromossômicos. O mais provável é que a **agressividade** seja fruto da interação entre fatores genéticos e ambientais.

Existem os casos patológicos, entre os quais as doenças “explosivas” identificadas recentemente, em que há um modelo único ou um episódio único de comportamento não premeditado, subitamente agressivo, inadequado e desproporcional às situações. Muitas dessas doenças eventualmente se associam a uma anormalidade física do cérebro e, portanto, pertencem à outra categoria.

Outro tipo de agressividade infantil que ocorre com certa frequência é a crueldade deliberada com os animais. Isso possivelmente seja resultante da agressividade contra os adultos, que é desviada para os animais.

Qualquer que seja o ângulo, do qual se observe o fenômeno ou a teoria que explique suas causas, o problema da violência necessita da adoção de medidas preventivas no âmbito da família, em especial durante os primeiros anos da infância.

2.3 Agressividade no Lar

Cada criança manifesta pelos menos um pouco de agressão, mas as formas e a frequência da agressão mudam com o passar dos anos da infância. Quando as crianças de 2 ou 3 anos de idade estão zangadas ou frustradas é mais provável que atirem coisas ou batam umas nas outras; mas, à medida que suas habilidades verbais se desenvolvem, ocorre uma diminuição na agressão física e um aumento na agressão verbal, tal como insultos ou palavrões.

Em uma série de estudos, Kenneth Dodge (1990, apud Bee, 1995) demonstrou que as crianças agressivas/rejeitadas tendem muito mais a ver a agressão como uma boa maneira de resolver os problemas e também de interpretar o comportamento dos outros como hostil ou de ataque, do que as crianças menos agressivas e mais populares. Esta pesquisa também pode ser vinculada ao trabalho de Patterson (apud Bee, 1995), que está convencido de que a agressividade excessiva de uma criança pode ser traçada originalmente ao controle ineficaz dos pais, mas depois que a agressividade está bem-estabelecida, a criança apresenta os mesmos comportamentos com os iguais, é rejeitada por eles e levada cada vez mais ao único grupo de companheiros que a aceitará, normalmente outras crianças agressivas ou delinquentes.

Estudo citado por Jeffrey Burke, da Universidade de Pittsburgh (apud Lima e Arini, 2009) e publicado no ano passado, mostra o mecanismo da construção do mau comportamento. Os pesquisadores observaram a relação das atitudes das crianças rebeldes e de seus pais: Quando as crianças desobedeciam, os pais costumavam reagir com fúria. Isso levava as crianças a ficarem mais nervosas e a desobedecer mais – e provocar respostas mais ríspidas. Trata-se de um círculo vicioso.

2.4 Tendências à Delinquência

As tendências à delinquência são reações frequentes a uma privação contínua de estímulo, necessidade, frustrações e prolongada falta de sucesso. As crianças maltratadas usualmente tornam-se adolescentes agressivos e muitos deles tendem a responder à situação de privação pela agressão verbal ou física (PIKUNAS, 1979).

O comportamento agressivo envolve alguma forma de ataque, como uso de linguagem abusiva, provocar ou golpear alguém. Em certos casos é o retraimento ou tolerância à situação; mas ainda assim, as tendências agressivas recalçadas se acumulam e têm a possibilidade de se revelar mais tarde. Isso quer dizer que as reações agressivas são apenas temporariamente adiadas, reprimidas, disfarçadas, deslocadas ou, de algum outro modo, desviadas da fonte original.

É provável que certas energias agressivas possam ser redirecionadas ou compensadas durante o período de conflito e frustração crescentes, mas alguns adolescentes passarão à delinquência como maneira de descarregar a agressão.

2.5 O que fazer diante dessa Realidade?

Tendo em vista a delimitação daquilo que a criança pode ou não fazer, há recursos: alguns positivos e outros negativos. São **positivos** os bons exemplos dos pais, a aprovação afetiva e os estímulos sociais que podem oferecer aos filhos; são **negativos** os castigos físicos, as punições e os recursos que provocam sentimentos de culpa ou de vergonha nas crianças. As hostilidades dos pais e familiares, no relacionamento com as crianças, podem provocar atitudes de timidez ou de autoagressividade.

O primeiro elemento importante para a criança parece ser o relativo **carinho** *versus* hostilidade no lar. Carinho tem sido difícil de definir e de medir, mas intuitiva e teoricamente está claro que ele é muito importante para a criança.

Um progenitor carinhoso importa-se com os filhos, expressa afeição - frequente ou regularmente -, põe as necessidades dos mesmos em primeiro lugar e responde sensível e empaticamente aos sentimentos deles. Na outra extremidade do contínuo estão os pais que rejeitam abertamente os filhos – verbalizando e expressando abertamente que não os amam ou não desejam a criança. Essas diferenças produzem efeitos profundos (BEE, 1995).

Um segundo elemento crucial é a **responsividade** dos pais em relação à criança. Os pais responsivos são aqueles que percebem adequadamente os sinais da criança e reagem de maneira sensível às suas necessidades.

2.5.1 Métodos de Controle

Faz parte da natureza da criança fazer coisas que os pais não querem que faça, pedir coisas que não podem ter, ou recusar-se a obedecer aos pedidos ou exigências dos pais. Desde muito cedo, os pais inevitavelmente defrontam-se com a tarefa de controlar o comportamento dos filhos, um processo popularmente denominado **disciplina**.

Um elemento de controle é a **consistência das regras**: Simplesmente deixar claro para a criança quais serão as consequências ao desobedecê-las, ou obedecê-las, e depois fazê-las cumprir de maneira consistente.

Outro elemento de controle parental é o grau de **restritividade** imposto. Isso é diferente de um estabelecimento de regras consistentes ou claras. Um progenitor pode ser pouco restritivo e ter regras claras. A outra extremidade do contínuo normalmente é uma atitude **permissiva** por parte dos pais, o que frequentemente inclui poucas regras e poucos imperativos. A baixa restritividade (permissividade) por outro lado, não é uma estratégia totalmente positiva. As crianças com pais altamente permissivos, que exercem um controle insuficiente, provavelmente apresentarão uma independência moderada e pouca consideração pelos outros.

A **punição** que deve ser empregada de forma adequada é aquela que produz mudanças no comportamento da criança sem produzir efeitos colaterais indesejados ou negativos (BEE, 1995).

3 A CONJUNTURA ATUAL

Assiste-se hoje, e participa-se, do embate de ideias e de seus reflexos ideológicos. São presenciados muitos atos praticados com requintes de crueldade. Observam-se situações de desrespeito aos valores morais e a despreocupação e o desinteresse pelos supremos fundamentos da nossa civilização. O uso indevido de substâncias entorpecentes, ou que determinam dependência física ou psíquica, é um dos responsáveis por muitas dessas atitudes agressivas, que além do dano pessoal que provocam, projeta-se como problema de cunho social e, mais ainda, como fator criminológico.

É de conhecimento público, por exemplo, as consequências gravíssimas do desrespeito às normas de trânsito, que provocam com muita frequência sérios acidentes. Ainda assim, aqueles que os ocasionam mantêm a conduta agressiva com troca de desaforos e ofensas, passível de intervenção penal. Muitos exemplos poderiam ser citados, não fosse o notório conhecimento que se têm desses casos.

No Brasil, existem Leis, Decretos e Portarias que regulam as **medidas preventivas e repressivas** ao tráfico e uso de entorpecentes, bem como a fiscalização das substâncias que determinam dependência física ou psíquica, causadoras de tantos problemas graves. Existem ainda as medidas terapêuticas para a reabilitação dos viciados em geral, bem como as restrições nos receituários médicos.

3.1 Influências Externas na Agressividade Infanto-Juvenil

Violência juvenil nas ruas, crianças armadas nas escolas. Fatos que aparecem com frequência no noticiário são a faceta pública de um fenômeno que se desenrola em surdina, ganha corpo nos lares e preocupa médicos e psicólogos: a escalada da agressividade infanto-juvenil. Embora não haja estatísticas oficiais, os profissionais da área garantem que é cada vez maior o número de famílias, de todas as classes sociais, que procuram nos consultórios e serviços de saúde ajuda para lidar com o comportamento agressivo dos filhos.

Especialistas afirmam que a agressividade pode ser uma reação normal e até saudável. A questão é identificar quando esse comportamento deixa de ser aceitável

para se tornar um problema. Existe uma unanimidade: A agressividade não é um fato isolado que atinge apenas crianças. Não é doença, é sintoma.

A noção de certo ou errado de uma criança é dada pelo adulto. Quando isso não ocorre, ela perde seus referenciais. No outro polo dessa equação está, de acordo com os médicos, a violência da sociedade e a influência dos meios de comunicação no comportamento das crianças e jovens.

A criança é como uma esponja. Quando o estímulo que recebe é maior do que sua capacidade para expressá-lo corporalmente, ela se desorganiza. A agressividade é como uma convulsão motora, um sinal de que a criança não está conseguindo lidar com tantos estímulos. Quando reage assim, de forma agressiva, tudo que ela está pedindo é ajuda.

Existem picos de agressividade que acontecem por volta dos 3 aos 5 anos, na infância, e por volta dos 12 aos 16 anos, na adolescência.

3.2 A Agressividade e a Influência da Televisão

Os efeitos causados pela influência da televisão nas crianças são preocupantes, já que todos convivem com esse mal dentro de suas casas.

A violência está presente em muitos programas de TV, incluindo os infantis. Tanto nos filmes, como nos desenhos infantis, os “bonzinhos” tendem a ser tão violentos quanto os “maus”. Os noticiários enfatizam, a todo o momento, as ocorrências que envolvem aspectos de violência como se fossem as únicas notícias.

As crianças que assistem programas onde a violência e a agressividade estão presentes tendem a ficar mais agressivas. Os meninos tendem a imitar as ações violentas e a aceitá-las melhor, assim como tendem a desenvolver outras formas de agressão.

As crianças passam grande parte do tempo em frente à televisão, e os programas que lhes são oferecidos denunciam o esvaziamento de conteúdos culturais. É possível assistir a cenas perturbadoras que se alargam durante o dia e são prolongadas até a noite; e um “simples” desenho pode conter episódios que envolvem tanto a agressão física como a verbal.

Segundo Libert e Schvartgherg (apud Bee, 1986, p. 284) “as crianças que assistem aos programas violentos são mais agressivas do que seus companheiros que assistem a programas menos violentos”.

Além disso, tem-se observado que os meninos agressivos normalmente escolhem programas violentos e que há mais meninos apegados a essas programações do que meninas.

3.3 Características da Violência na Televisão

Alguns pontos são relevantes para se refletir sobre a violência que as crianças veem na televisão.

A maior parte da violência nos programas de televisão é recompensada, pois as pessoas que são violentas conseguem o que querem; e as consequências da violência – dor, sangue, ferimentos – são pouco mostradas (embora isto esteja mudando).

Essas observações servem para ampliar a visão sobre o impacto da televisão no comportamento das crianças. Sem dúvida, é preciso certo controle sobre a programação exibida já que boa parte dela pode gerar problemas de conduta.

Junto com o comportamento familiar, os especialistas afirmam que os meios de comunicação, principalmente a televisão, também estimulam a agressividade ou, na melhor das hipóteses, banalizam a violência fazendo com que a criança a aceite como algo normal.

O que chama a atenção são os relatos dos especialistas que lidam com crianças agressivas que revelam que, nos tratamentos, elas estabelecem relações entre seu comportamento agressivo e o que assistem na televisão.

3.4 O Papel dos Pais na Estimulação e no Desenvolvimento dos Filhos

Segundo Winnicott (1977), os pais são os responsáveis diretos pelo desenvolvimento dos filhos, pois eles, mais do que qualquer especialista, são os que conhecem e têm contato direto com a criança desde bebê.

Os pais exercem uma influência decisiva sobre como a criança se desenvolve, pois muito antes de os especialistas em desenvolvimento infantil terem identificado os fatores importantes no aprendizado dos bebês, os pais já brincaram com seus filhos, conversaram com eles e lhes forneceram uma variedade de experiências estimulantes.

Embora uma criança, que apresente dificuldade para relacionar-se devido à agressividade, possa receber ajuda de um especialista e ficar sob os cuidados de uma babá ou de outra pessoa na ausência dos pais, essas pessoas não podem assumir o lugar deles por não terem o mesmo relacionamento e vínculo afetivo e porque nunca conhecerão a criança como os pais a conhecem.

Os pais devem estimular o aprendizado dos filhos, exercendo assim um papel importante no encorajamento e na modelagem do desenvolvimento da criança. Ajudar um bebê a aprender, envolve certas etapas básicas. Winnicott (1977) sugere que os pais comecem se conscientizando de que forma seus filhos respondem às várias situações da vida cotidiana.

É importante aprender de que forma a criança assinala suas necessidades. Todos os bebês desenvolvem “sistemas de sinais”. Os pais devem estar atentos ao que o bebê faz para dar sinais de que está com fome, com sono etc.: São as pistas sutis ou muito óbvias? Uma vez que tenha sido determinado o que representam alguns sinais, os pais terão condições de reconhecer quando e quais necessidades lhes são comunicadas.

A maioria dos bebês aprecia e é motivada por atividades de aprendizado que, transformadas em jogos, são exemplos de atividades sociais. Atividades lúdicas e experiências sociais são ocasiões de aprendizado e devem ocorrer em momentos em que os pais estejam relaxados.

O tempo de atenção de um bebê, assim como sua disposição, pode variar de acordo com a atividade desenvolvida. Certos bebês não conseguem passar mais de alguns minutos numa atividade; já outros, podem permanecer envolvidos meia hora seguida. Não existe forma e nem período de tempo estabelecido para ensinar o bebê; isso deve ser natural e sem afecção.

Os pais necessitam aprender quais os limites de atividade do seu bebê. O limite é o ponto no qual uma atividade passa a ser forçada para os pais ou para a criança. Os pais precisam escolher atividades e locais que sejam relaxantes para ambos, pois assim podem oferecer à criança maiores oportunidades de aprendizado.

De acordo com Winnicott (1977, p. 161):

A maioria das pessoas diria que as crianças brincam porque gostam de fazer, e isso é um fato indiscutível. As crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional podemos ampliar o âmbito

de suas experiências fornecendo materiais e idéias, mas parece ser preferível fornecer essas coisas parcimoniosamente e não em excesso, visto que as crianças são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, e isso dá-lhes prazer.

A imitação é uma das formas básicas de aprendizado. Depois de demonstrar ao bebê como fazer alguma coisa, é preciso dar-lhe tempo para absorver a lição. É preciso esperar que ele tente realizar a atividade antes de demonstrá-la uma segunda vez. É preciso dar-lhe tempo para que ele possa mostrar como está se saindo numa atividade. O mais importante de tudo é ser flexível e procurar relaxar durante o tempo em que estão juntos. É preciso manter o senso de humor e a perspectiva acerca do que se está tentando conseguir do bebê.

Lembrar-se de que brincar não é uma tarefa: é parte da vida que se tem com o filho. As coisas mais importantes que os pais podem dar são os sentimentos de amor, de apreciação e um sentido de pertencer ao mundo. Ao fazer isso, os pais estarão, com naturalidade, ajudando seu filho a desenvolver a autoestima. Caso o dia não esteja favorecendo o trato com o bebê, deve-se mudar o que se está fazendo para qualquer outra coisa que seja importante, visando manter o senso de equilíbrio.

Muito embora o crescimento e o desenvolvimento de uma criança possam ser retardados em certas áreas, as metas mais importantes para atingir àquelas com necessidades especiais são as mesmas que as praticadas com crianças sem tais necessidades. Desenvolver sentimentos de autovalor e autoconfiança tornam-nas tão independente quanto possível; desenvolver confiança ajudam-nas a se desenvolver ao máximo de suas capacidades.

Uma das metas mais importantes a serem perseguidas é a de ajudar a construir a autoestima do próprio filho e planejar bem como antecipar sucessos futuros para a criança; mesmo que não se possam evitar os problemas ou apressar o desenvolvimento, é possível criar uma criança e desenvolver-lhe o sentido de realização e os sentimentos de autovalor. Como advertiu um pai: “Não subestime as capacidades de seus filhos; encoraje-os a cada passo no caminho e ajude-os a acreditar em si próprios” (THOMPSON, 1992, p.15).

Pode-se concluir que para que a criança se desenvolva bem, integrando-se ao meio ambiente, é necessária uma experiência rica no meio familiar, onde seja explorada a capacidade da criança em desenvolver sentimentos de autovalor e

autoconfiança, tornando-a tão independente quanto possível, desenvolvendo sua confiança nos outros e desenvolvendo-se até ao máximo de suas capacidades.

Dessa forma, a criança irá construir sua própria autoestima, além de desenvolver o senso de realização e sentimentos de autovalor, tão importantes para a formação de sua personalidade.

4 DESENVOLVIMENTO DO CASO

O caso apresentado a seguir é o de uma criança que manifesta muita agressividade, sendo relatado todo o processo desenvolvido em seu acompanhamento arteterapêutico. Trata-se de um estudo descritivo com enfoque qualitativo, realizado em uma instituição sem fins lucrativos, que oferece reforço escolar, brinquedoteca e atividades artísticas e esportivas, especialmente para crianças e adolescentes de 04 a 14 anos, oriundos de famílias de baixa renda.

A criança observada frequenta uma Obra Social na zona leste de São Paulo há aproximadamente cinco anos; hoje ela está com 9 anos de idade. Ela chegou à instituição no ano de 2003, aos 4 anos, e frequentava uma classe de reforço escolar com mais quinze crianças, todas assistidas por uma monitora polivalente.

Através de conversas com a mãe, constatou-se que a criança vive com a família (pai, mãe e um irmão mais novo). A mãe relatou que, tanto na gestação quanto no pós-parto, a criança fora “rejeitada”, pois a família enfrentava, além da dificuldade financeira, um problema com o filho mais velho que necessitava de toda a atenção e cuidado. Esse, veio a falecer três anos depois.

O bebê, no caso a criança acompanhada neste estudo, ficou aos cuidados da avó materna. Um trecho do relato da mãe: “percebi que tinha uma filha crescendo e que precisava da minha atenção e de toda a família, quando o filho mais velho faleceu; então percebi todas as consequências da minha ausência na vida daquela criança”. Como afirma Nise da Silveira (2006, p. 153), “A criança identifica-se com o ambiente onde vive e de modo especial com os pais”.

4.1 Trabalho de Campo

- **Público Atendido** - A clientela foi composta por crianças da mesma faixa etária, ambos os sexos, com idades entre 05 e 09 anos. Foram feitas escolhas casuais simples entre os colegas de classe. Em relação à escolaridade, todos estudam na mesma escola, desde a pré-escola, estando no momento na 3ª série do ensino fundamental, com nível sócio-econômico equivalente.

- **Materiais usados** - Os materiais utilizados foram: cola (branca e colorida), papéis coloridos (de seda, camurça, crepom e laminado), grampeador, fita adesiva, linhas e agulhas, bolas e pedaços de isopor, palitos para churrasco, material para enchimento (algodão e estopa), retalhos de tecidos coloridos, rendas, fios e fitas coloridas, botões diversos, caixas de vários tamanhos, canudos, tintas e sucatas.

Os recursos utilizados nas sessões foram conduzidos de forma livre. As técnicas empregadas foram variadas e foram utilizados materiais construídos com sucata, tecido, linhas, tintas etc.

Foram utilizadas, além da técnica de construção de materiais, pintura, expressão corporal, fantasia criativa, contos de fadas e brincadeiras como auxílio ao processo de construção de materiais com sucata.

A Arteterapeuta, juntamente com a Psicóloga que trabalha na Instituição, iniciaram o trabalho com o grupo tendo em mente o envolvimento das crianças, em especial sabendo que no decorrer das sessões elas teriam que intervir para que as crianças se envolvessem e assim acontecesse o desejo de participar, quando então haveria a oportunidade para elas expressarem sua agressividade através das cores e dinâmicas, nas sessões.

- **Apresentação do resultado** - A análise dos dados ocorreu com base na mudança de comportamento da criança, durante o percurso, na família, na terapia, na escola e no ambiente onde foi observada.

A terapeuta relatou que no consultório a criança conseguiu se organizar. Foram descritos os resumos dos dados de cadastro da paciente em estudo, com roteiro de observações do desempenho individual, de acordo com as fichas de avaliação, no início, durante e no final das sessões de arteterapia.

Atitude comportamental inicial: paciente agressiva, sem comunicação verbal, sem estímulo para participar do grupo e com baixa autoestima. Evolução durante as sessões: a paciente foi deixando fluir suas fantasias. Com o decorrer da terapia, a mesma interagiu melhor no grupo, na família e na escola.

5 CONCLUSÃO

A Arteterapia pode auxiliar a criança na organização de seus sentimentos, visto que a criança trabalha muito com a fantasia e com os símbolos através de expressões diversas, dentre as quais se destacam o desenvolvimento e construção com as cores, as formas e no interagir com o arteterapeuta. Este envolvimento e construção são formas de expressar a capacidade simbólica de edificação e de estruturação, sendo uma via de acesso às fantasias do inconsciente consciente e de sua consequente ordenação.

Portanto, o trabalho de arteterapia com crianças é produtivo porque ela favorece a expressão do mundo interior, de forma a comunicar ao terapeuta, ao mundo e às próprias crianças, as suas fantasias.

A construção arteterapêutica permite infinitas opções de descoberta, favorecendo o equilíbrio emocional da criança, que desenvolve sua expressão e imaginação espontaneamente, descarregando sua agressividade e exteriorizando suas alegrias, temores (neste caso a perda) e fantasias. O ato de construir (brincar) proporciona uma via de autoconhecimento, facilitando o amadurecimento e o envolvimento da criança com o mundo interior e exterior.

A construção na Arteterapia busca trabalhar com o equilíbrio psicológico, com o desenvolvimento motor, intelectual e social, auxiliando no crescimento afetivo, psicomotor e cognitivo, pois permite a criação e a experimentação – o que leva ao prazer de novas descobertas e a uma forma mais satisfatória de se expressar e de se comunicar, uma vez que a criança sente dificuldades em comunicar-se verbalmente.

Através deste estudo, observou-se a possibilidade de evolução crescente dos trabalhos práticos nas mudanças comportamentais da “paciente”, expressas pela diminuição da agressividade, estabelecimento de comunicação com os outros e maior segurança.

Pode-se considerar, então, que o processo arteterapêutico pode trazer muitos benefícios para a educação e para o convívio familiar e social. Cada idade, cada gênero, cada caso ou problema têm suas peculiaridades e os respectivos meios para a busca de soluções. Evidentemente, nos casos patológicos há que se buscar a ajuda de profissional especializado para o respectivo diagnóstico e tratamento.

No plano de Deus Criador, a família descobre não só a sua “identidade” (o que é), mas também a sua “missão”, o que ela pode e deve fazer. Segundo o plano de Deus, a família é constituída qual íntima comunidade de vida e de amor. Por isso, é-lhe confiada a missão de **guardar, revelar e comunicar o amor**, qual reflexo vivo da participação real no amor de Deus pela Humanidade.

É de suma importância mencionar aqui o grande valor do processo terapêutico exercido pela Arteterapia, por sua simbologia, na resolução dos conflitos internos. Estudos mostram que desde o século 5 a.C. há registros da ARTE como meio de tratamento e cura.

A Arte terapia, segundo definição da Wikipédia, é um processo terapêutico que se serve do recurso expressivo a fim de conectar os mundos internos e externos do indivíduo, através de sua simbologia. Ela distingue-se como método de tratamento psicológico, integrando no contexto psicoterapêutico mediadores artísticos. Isso origina uma relação terapêutica particular, assente na interação entre o sujeito (criador), o objeto da arte (criação) e o terapeuta. O recurso à imaginação, ao simbolismo e a metáforas enriquece e incrementa o processo.

A Arteterapia resgata o potencial criativo do homem, buscando o psique saudável e estimulando a autonomia e a transformação interna para a reconstrução do ser. Tem como objetivo favorecer o processo terapêutico de forma que o indivíduo entre em contato com conteúdos internos e externos, que foram barrados por algum motivo, expressando assim sentimentos e atitudes então desconhecidos.

A Arteterapia integra os conhecimentos advindos da psicologia às atividades artísticas, trabalhando com o potencial terapêutico, pedagógico e de crescimento pessoal contido em todas as formas de Arte (Libert & Schvartgheg, 1986 (apud BEE, 1995).

A Arte relaciona harmoniosamente a realidade e a fantasia, o mundo interno e o externo. De acordo com Bernardo (2009) “os recursos artísticos podem ser utilizados em diversos contextos (psicoterapia, oficinas de criatividade, reabilitação, educação), e com todas as faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos)”.

Além disso, a Arte a serviço do crescimento e da vida pode diminuir e/ou neutralizar o impacto da violência, tão presenciada atualmente, proporcionando contato respeitoso e amoroso entre os homens, seus semelhantes e o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Frei Nilo. *Moral Cristã*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- ARTETERAPIA. Disponível em: <<http://www.terapeutaocupacional.com.br/arteterapia.htm>>. Acesso em: 19 maio 2009.
- BEE, Helen. *A Criança em Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BERNARDO, Patrícia Pinna. *Arte Terapia*. ...Conceito. Disponível em: <http://www.patriciapinna.psc.br/arte_defin.htm>. Acesso em: 20 jul 2009.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LEAL, Liene Martha. *Violência e Agressividade Humana*. Disponível em: <<http://www.apavv.org.br/artigos/art23.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2009.
- LIMA, Francine; ARINI, Juliana. "Eles são uns capetas". *Revista Época*. n. 569. São Paulo: Globo. 13 abr. 2009.
- MORAIS, Jomar. "Semente de fúria". *Revista Super Interessante*. ano VII. n. 304. São Paulo: Abril, jun 2001. Disponível em: <http://www.planetajota.jor.br/viola1.htm>. Acesso em: 20 jul 2009.
- PHILIPPINI, Ângela. *Para aprender arte terapia: cartografias da coragem*. Rio de Janeiro: Wac, 2005.
- PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1979.
- PIMENTEL, Manuel Pedro. *Crimes de Mera Conduta*. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1975.
- SANTOS, S.M.P. ...[et al.]. *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- WIKIPÉDIA. *Arte terapia*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arteterapia>>. Acesso em: 19 maio 2009.